

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: UMA FERRAMENTA PARA EDUCAÇÃO PERMANENTE DE ENFERMEIROS QUE TRABALHAM COM ASSISTÊNCIA PERIOPERATÓRIA*

Michelle Corrêa Leite Ortiz¹, Renata Perfeito Ribeiro², Mara Lúcia Garanhani³

RESUMO: A Educação à Distância (EAD) vem se constituindo como uma estratégia concreta e eficaz para formação de profissionais. Os objetivos deste estudo foram: identificar experiências anteriores dos enfermeiros com EAD; identificar se há interesse dos enfermeiros em participar de cursos de EAD; e, apreender com os enfermeiros sugestões de temas para os cursos de EAD. Os resultados mostraram que a maioria (59%) tinha título de especialista e trabalhava há mais de 10 anos na assistência perioperatória (41%). Observou-se que 88% possuíam computador em casa e 100% deles tinham acesso à internet, no entanto, apenas 35% a utilizavam. Quanto à experiência com EAD, 53% disseram não ter nenhuma experiência. A maioria dos participantes (88%) interessou-se na abertura de cursos de EAD e fizeram várias sugestões de temas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação à distância; Centro cirúrgico; Educação permanente.

DISTANCE LEARNING: A TOOL FOR ONGOING EDUCATION OF NURSES WHO WORK WITH PERIOPERATIVE CARE

ABSTRACT: Distance Learning (DL) has become a concrete and efficient strategy for professional education. The objectives of this study were: to identify nurses' former experience on DL; to identify nurses' interest in taking distance learning courses, and apprehend from nurses theme suggestions for DL courses. Results disclosed that most of them (59%) had specialization degree and worked in perioperative care for over 10 years (41%). It was observed that 88% had a computer at home and 100% had access to Internet, however only 35% accessed it. As for DL experience, 53% claimed they had none. Most participants (88%) showed interest in taking DL courses and suggested several themes.

KEYWORDS: Distance-Learning; Surgical center; Ongoing education.

EENSEÑANZA A DISTANCIA: UNA HERRAMIENTA PARA LA EDUCACIÓN CONTINUA DE LOS ENFERMEROS QUE TRABAJAN CON ASISTENCIA PERIOPERATÓRIA

RESUMEN: La enseñanza a distancia (EAD) constituye una práctica y eficaz estrategia para la formación de profesionales. Los objetivos de este estudio fueron: identificar experiencias anteriores de los enfermeros con EAD; identificar si hay interés de los enfermeros en participar de cursos de EAD; y, oír sugerencias de los enfermeros de temas para estos cursos. Los resultados apuntaron que la mayoría (59%) tenía título de especialista y trabajaba por más de 10 años en asistencia perioperatoria (41%). Se observó que 88% tenía ordenador en casa y 100% tenía acceso a Internet; sin embargo, sólo 35% la utilizaban. Cuanto a la experiencia con EAD, 53% no la tenían. La mayoría de los participantes (88%) se ha interesado en los cursos de EAD e hizo varias sugerencias de temas.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza a distancia; Centro quirúrgico; Educación continua.

*Trabalho de Conclusão do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina-UEL. Vinculado ao Projeto de Pesquisa intitulado: "Desenvolvimento de Competências em Enfermagem Perioperatória: Educação à Distância como Estratégia."

¹Aluna do quarto ano do curso de Enfermagem da UEL.

²Mestre Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da UEL.

³Doutora Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UEL.

Autor correspondente:

Renata Perfeito Ribeiro

Rua santos, 488 - 86020-040 - Londrina-PR

E-mail: perfeito@sercomtel.com.br

Recebido: 30/07/08

Aprovado: 31/10/08

INTRODUÇÃO

Ao longo de muitos anos a Educação à Distância (EAD) foi considerada uma educação de menor qualidade. Pelo fato de surgir como meio de atender a necessidade daqueles que não conseguiam se inserir na educação formal, a EAD foi caracterizada pela sociedade como uma educação menos exigente.

Esta nova modalidade de ensino abordava a aprendizagem sem atrelar à necessidade da presença física dos alunos nas escolas. Para tanto, utilizava outros veículos de comunicação, como o correio, rádio, telefone, seguido pela televisão⁽¹⁾. Desta forma, as características da EAD, em seu início, tanto pelo formato quanto pela linguagem, demonstravam que era dirigida para uma população menos favorecida e apresentava muitas fragilidades.

Um dos grandes problemas no início da EAD relacionava-se à quase que completa falta de interatividade do processo de ensino e aprendizagem, principalmente devido à dificuldade do aluno em trocar dúvidas e experiências com professores e colegas. Isto acabava desestimulando os alunos, empobrecendo o processo educacional e enfatizando a aprendizagem centrada no autodidatismo. Essas dificuldades somadas a outras configuraram o limite do sucesso dessa modalidade de educação, sem, no entanto, extingui-la⁽¹⁾. Porém, com a evolução tecnológica e a difusão de novas ferramentas digitais aumentaram-se as possibilidades de acesso às informações e conhecimentos e as interações entre diferentes pessoas em tempo real, mesmo estando distantes umas das outras. A internet e a comunicação em rede tiveram um papel relevante nas transformações significativas da EAD.

Atualmente, a EAD vem se mostrando como uma estratégia eficaz para a educação, principalmente, para adultos inseridos no mercado de trabalho. Tem crescido o número de cursos nessa modalidade, difundidos no mundo inteiro utilizando a internet ou sistemas de rede similares como métodos de ensino e aprendizagem.

A EAD é definida como uma forma sistematicamente organizada de auto-estudo na qual o aluno se instrui a partir do material didático que lhe é apresentado e seu acompanhamento e supervisão é feito por um grupo de professores e ou tutores, utilizando-se de meios capazes de vencer longas distâncias⁽²⁾. Ela pode ser compreendida como uma das modalidades de ensino e aprendizagem possibilitada

pela mediação dos suportes tecnológicos e de rede, seja esta inserida em sistemas de ensino presencial, mistos ou completamente realizada à distância física dos alunos⁽¹⁾.

Nesse sentido, a EAD pode ser destacada como uma rica possibilidade para o incremento na formação profissional, através de um processo educativo no qual a aprendizagem é realizada com separação física entre alunos e professores. O aprendizado e a comunicação acontecem por meio de recursos tecnológicos que ultrapassem a exposição oral⁽³⁾.

A discussão sobre a EAD aborda principalmente três aspectos: as possibilidades de abertura e ampliação de oportunidades de acesso a uma educação de qualidade, como resposta adequada às exigências de maior quantidade e melhor formação em uma modernidade globalizada e competitiva; a consistência como superação de problemas e dificuldades colocadas pela falta de disponibilidade de tempo de candidatos a cursos de diferentes níveis e modalidades, pela exigüidade de espaços e carência quantitativa e qualitativa de profissionais da área de educação para o seu atendimento e; o valor como veículo eficaz de renovação e mudança de paradigmas pedagógicos diante das ilimitadas potencialidades educacionais das novas tecnologias de informação e comunicação⁽⁴⁾.

Na área da saúde a EAD ainda está em fase de descoberta e consolidação. Muitos debates sobre sua utilização são realizados, principalmente considerando as necessidades de desenvolvimento também de habilidades motoras e afetivas para o exercício das práticas profissionais em saúde e como alcançar este objetivo à distância. Desta forma, esta modalidade vem sendo utilizada em maior proporção nos cursos de pós-graduação ou cursos de atualização para profissionais que já atuam nos serviços.

Assim, é importante refletir que as experiências de EAD na saúde, sejam elas complementares ou parte integrantes dos currículos de graduação ou pós-graduação, devem ser entendidas como movimentos políticos que promovam a educação para o Sistema Único de Saúde – SUS, o que implica considerar os limites e as possibilidades contemporâneas para a superação das distâncias culturais, sociais, técnico-científicas, tecnológicas, geográficas e físicas presentes na sociedade em que vivemos, oferecidas hoje pelas múltiplas formas de educar/educar-se existentes, além da modalidade presencial⁽⁵⁾.

Neste cenário pensou-se na criação de cursos de curta duração na modalidade de EAD para o

desenvolvimento de conhecimentos da área de enfermagem perioperatória: Centro Cirúrgico (CC), Recuperação Anestésica (RA) e Centro de Materiais e Esterilização (CME). A partir desta possibilidade, questionou-se: será que os enfermeiros que estão atuando nos serviços de saúde teriam interesse em participar de cursos nesta modalidade?

Portanto, este estudo teve como objetivo geral conhecer o interesse dos enfermeiros que trabalham em CC, RA e CME em participar de cursos de curta duração na modalidade de EAD. E como objetivos específicos: Caracterizar o perfil da população de enfermeiros; identificar experiências anteriores dos enfermeiros com EAD; identificar se há interesse dos enfermeiros em participar de cursos de EAD; e, apreender com os enfermeiros sugestões de temas para os cursos de EAD.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem quantitativa, desenvolvida na cidade de Londrina - PR com enfermeiros da área perioperatória. As investigações de cunho descritivo “têm o objetivo de informar sobre a distribuição de um evento, na população, em termos quantitativos”^(6: 271).

Os dados foram coletado no período entre maio e julho de 2007, mediante um questionário com 21 questões abertas e fechadas. Os critérios de inclusão para participar da pesquisa foram: ser enfermeiro atuante em Enfermagem Perioperatória, aceitar participar do estudo e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi feito contato telefônico com a população composta por 36 enfermeiros da área perioperatória atuantes na cidade de Londrina, que se adequavam aos critérios de inclusão da pesquisa. Destes, 21 aceitaram participar da pesquisa. Através das ligações verificou-se a disponibilidade de horário dos enfermeiros para responder ao questionário. Uma das pesquisadoras dirigiu-se a cada serviço no horário agendado para a coleta de dados. Assim, dos 21 questionários, 17 retornaram preenchidos com os respectivos termos de consentimento assinados.

As respostas das questões fechadas dos questionários foram tabuladas em números inteiros e percentuais simples. Foram analisadas em relação à idade, sexo, titulação, tempo de formado, tempo de prática na área, realização de Educação Continuada, tempo de dedicação para aprimoramento profissional,

conhecimento e manuseio de ferramentas da Internet; experiências anteriores com EAD, interesse em participar de cursos de EAD e temas de interesse para os cursos de EAD. As questões abertas foram compiladas e utilizadas para enriquecer as discussões.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Hospital Universitário de Londrina sob o número 253/06.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à caracterização do perfil da amostra desta pesquisa, os resultados mostram que 94% são do sexo feminino com a idade variando entre 25 à 48 anos, sendo que, 64% tinham menos de 35 anos. A maioria (59%) dos entrevistados possuía o título de Especialista e 6% o título de Mestre.

Os participantes trabalhavam em sua maioria há mais de 10 anos na assistência perioperatória perfazendo 41% da amostra estudada, 29% atuavam de dois a cinco anos, 24% de seis a 10 anos e 6% não responderam a questão. Estes resultados relacionam-se com o fato de 59% dos enfermeiros serem graduados há mais de 10 anos, 12% serem formados de seis à 10 anos, 17% de dois a cinco anos e 12% há menos de um ano.

A maioria dos participantes, 88%, interessou-se com a possibilidade de abertura de cursos de EAD voltados para enfermeiros da área perioperatória e 12% não demonstraram interesse. Os que responderam negativamente não apresentaram nenhuma justificativa para suas respostas. Os que responderam afirmativamente comentaram:

[...] todos os dias tem novidade no mercado e precisamos estar conectados (E17).

Seria uma maneira de me atualizar, mesmo com o tempo tão corrido que temos (E11).

[...] não dispomos de muito tempo, porém temos que estar sempre atualizados e estes cursos vem ao encontro com esta necessidade (E7).

Os enfermeiros entrevistados mostraram abertura para participarem de cursos de EAD, principalmente com a finalidade de atualização profissional. A EAD, em sua forma de desenvolvimento, propicia a atualização de profissionais que dispõem de pouco tempo para isto. Ressalta-se que todos têm o

direito de aprender em qualquer lugar, hora, idade e de qualquer forma⁽⁷⁾.

A EAD vem com o propósito de alcançar outros métodos de ensino e aprendizagem, preservando a capacidade de pensar, de refletir, de discutir e não apenas memorizar. Estimula o aluno a desenvolver o raciocínio crítico, para que aprenda a aprender. Esse espaço de formação permite maior democratização da informação e do conhecimento. Com a internet, a informação está permanentemente presente e em constante renovação e, ao aluno cabe realizar a busca e seleção destas informações. Assim, a EAD tem rompido as barreiras de tempo e espaço.

O respaldo legal à EAD concretiza-se no decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, da legislação educacional brasileira, definindo-a como uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informações, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação. Nesta perspectiva, procura enfatizar a construção do conhecimento, mediada pela tecnologia de rede fugindo do simples autodidatismo⁽⁸⁾.

Na EAD os alunos estão relativamente dispersos, o estudo é individualizado, independente e autônomo. Há possibilidade de encontros ocasionais, com propósitos didáticos e de socialização. A comunicação é de dupla via, ou seja, o aluno interage com o sistema que produz o ensino com intermediação realizada pelo tutor. O tutor tem a função de coordenar o estudo, direcionando para o caminho que se pretende chegar, através de discussões sistematizadas e selecionando temas que seriam pertinentes⁽²⁾.

Uma das questões deste estudo abordava a realização de educação continuada (EC) pelos enfermeiros à equipe de enfermagem. Os resultados evidenciaram que 12% não realizavam esta prática, ilustrado pelo comentário:

[...] estamos com o movimento cirúrgico muito intenso, e nossas palestras relacionadas à reciclagem dos funcionários estão suspensas (E.11).

Os outros 88% dos enfermeiros entrevistados responderam realizar EC. Destes, 40% realizavam esta prática em um intervalo menor de seis meses, 6% duas vezes ao ano, 27% somente uma vez ao ano e 27%, realizavam de maneira informal, sem datas pré-estabelecidas.

A EC destaca-se por desenvolver, através de programas, orientação aos profissionais conforme os objetivos da instituição. Realiza-se dentro do ambiente de trabalho desenvolvendo atividades para que o profissional possa adquirir, manter e aumentar sua competência, visando o cumprimento de suas responsabilidades⁽⁹⁾. Desta forma, os resultados deste estudo demonstram que os enfermeiros da área perioperatória dedicam pouco tempo para esta prática.

Considerando que o processo de ensino e aprendizagem não deve se restringir a transferência e atualização de conhecimentos, mas à criação de possibilidades para a sua construção⁽¹⁰⁾, muitos debates têm acontecido sobre a EC da forma tradicional como vem sendo realizada, não valorizando os saberes pré-existentes e a construção de novos conhecimentos para uma assistência em saúde qualificada.

Em 2004, o Ministério da Saúde implantou a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, através da Portaria GM/MS nº 198. Essa retrata uma proposta de ação estratégica que integra práticas ao cotidiano de forma metodológica, reflexiva e científica. A Educação Permanente em Serviço (EPS) mantém como princípio que o conteúdo a ser estudado deve ser gerado a partir de dúvidas e necessidades de conhecimento emergidas em situações vivenciadas pelos próprios trabalhadores. Tem a intencionalidade de promover mudanças na formação e no desenvolvimento dos profissionais da área da saúde e empreender um trabalho articulado entre as esferas de gestão, os serviços de saúde, as instituições de ensino e os órgãos de controle social⁽¹¹⁾.

Ao comparar as práticas de EC e a EPS observa-se que, quanto ao público alvo, a EC trabalha de forma uniprofissional e a EPS multiprofissional. Em relação à inserção no mercado de trabalho a EC busca uma prática autônoma e a EPS uma prática institucionalizada. A EC enfoca temas de especialidades e a EPS problemas de saúde. O objetivo principal da EC é a atualização técnico-científica e da EPS é a transformação das práticas técnicas e sociais. A periodicidade da EC é esporádica e da EPS é contínua. A EC utiliza a metodologia fundamentada na pedagogia da transmissão através de aulas, conferências, palestras em locais diferentes dos ambientes de trabalho e, a EPS fundamenta-se na pedagogia centrada na resolução de problemas, geralmente através da supervisão dialogada, oficinas de trabalho; efetuada nos mesmos ambientes de trabalho. Quanto aos resultados, a EC espera atingir a apropriação

passiva do saber científico e o aperfeiçoamento das práticas individuais e, a EPS visa a mudança institucional, a apropriação ativa do saber científico e o fortalecimento das ações em equipe⁽¹²⁾.

A EAD pode se constituir como um meio facilitador para a EPS, em virtude do crescimento acelerado do conhecimento e sua divulgação, podendo romper as barreiras da distância e do tempo.

Para que os cursos de EAD sejam eficazes se faz necessária a participação ativa dos alunos deixando de ser apenas receptores de informação para serem construtores do seu próprio conhecimento, aprendendo a aprender, dentro do seu próprio estilo, ritmo e método de aprendizagem⁽⁷⁾. Para tanto é preciso dedicação e interesse, pois o aluno é o construtor do seu próprio conhecimento.

A EAD, como qualquer outra forma de educação, precisa concretamente realizar-se como uma prática social significativa e conseqüente em relação aos princípios filosóficos de um projeto pedagógico que vise a busca da autonomia, o respeito à liberdade e à razão, o compromisso de um convívio social humanizado⁽⁴⁾.

Em uma experiência realizada na área da saúde, observou-se que o processo pedagógico agregou aspectos como: organização com metodologia problematizadora, participação multiprofissional, pessoas adultas e inseridas no mundo do trabalho, foco em mudanças na formação, valores à construção e efetivação do SUS, despertando a conscientização da formação voltada às necessidades de saúde da população⁽¹³⁾.

No período entre 2001 e 2005, o Ministério da Saúde em parceria com a Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP/Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ ofertaram Curso de Especialização *lato sensu* para enfermeiros que estavam atuando como docentes na profissionalização dos trabalhadores de nível técnico em enfermagem, na modalidade EAD, dentro do projeto PROFABE. Este curso foi realizado em parceria com Instituições de Ensino Superior Federais e Estaduais que funcionavam como núcleos descentralizados por todo o Brasil, co-responsáveis pela execução das turmas⁽¹⁴⁾. Mesmo com muitas dificuldades, a vivência das atividades proporcionou aos alunos o desvelamento da realidade das escolas formadoras, gerando reflexões e proposições inovadoras, com contribuições efetivas na formação de professores responsáveis pela formação de profissionais qualificados para os serviços de saúde⁽¹⁵⁾.

O curso de ativadores também foi outra iniciativa do Ministério da Saúde utilizando EAD e metodologias ativas de ensino-aprendizagem. Organizou-se em duas etapas, na primeira, com a formação de 99 tutores com o apoio dos orientadores de aprendizagem que trabalharam na sistematização das experiências acumuladas e; na segunda, com a formação de cerca de 900 especializando como o apoio dos tutores formados previamente⁽¹⁴⁾.

Retomando os resultados encontrados neste estudo, estes mostraram que 12% dos participantes dedicavam acima de cinco horas por semana para estudos e leituras, 35% três a cinco horas semanais, 41% uma a duas horas, 23% menos de uma hora, 6% nenhuma hora e 18% não responderam.

Este resultado demonstra o tempo que estes enfermeiros têm dedicado para estudos e atualização. A forma de estudo na EAD exige algumas mudanças de hábito, principalmente àquelas ligadas ao desenvolvimento da autodisciplina, da organização do tempo e da motivação para o aperfeiçoamento profissional.

A qualidade do material didático a ser utilizado em EAD pode ser um instrumento de estímulo para a motivação do aluno. Deve ser compatível com a clientela, o conteúdo e o processo educacional a ser desenvolvido, onde os indivíduos estão em busca de aprimoramento profissional⁽³⁾.

No cenário da educação convivemos com três tipos de tecnologias: a sobre o papel, a eletrônica e a digital. A tecnologia sobre o papel teve seu período marcante de 1890 a 1960 e os materiais usados eram basicamente livros, apostilas e artigos. Logo depois, veio a tecnologia eletrônica, identificada como a geração analógica, no período de 1960 a 1980, utilizando os aparelhos como vídeos, rádios, televisões como formas para propiciar educação. E, por último, a tecnologia digital, conhecida como geração digital, que teve seu início em 1980 e permanece evoluindo até hoje, em que as formas de aprendizagem são feitas através de recursos computadorizados como hipertextos, multimídia, CD-Room, e-mails e chats⁽⁷⁾.

Os resultados desta pesquisa mostraram que 88% dos enfermeiros participantes possuíam computador em casa e 100% deles tinham acesso à internet. No entanto, 65% referiram que não utilizam a internet, mesmo tendo acesso a ela. Aos 35% que utilizavam a internet foi questionado o tempo de uso desta ferramenta, mostrando que, 35% faziam uso deste tipo de tecnologia quatro vezes por semana, 24%

duas a quatro vezes e 41% uma vez por semana. Em relação à utilização de outras ferramentas de comunicação via internet como messenger, fóruns e chats, os resultados apontaram que 65% não utilizavam nenhuma dessas ferramentas e, 35% utilizavam estes meios de comunicação digital.

Considerando que nos dias atuais os três tipos de tecnologias educacionais co-existem e relacionam-se, os resultados desse estudo demonstram tanto a pequena utilização da internet e de seus recursos, quanto o seu uso esporádico em plena era digital.

Embora atualmente todos tenham acesso aos três tipos de tecnologias educacionais, ainda não são todos que realmente sabem aproveitá-las, tendo dificuldades na sua utilização. Esta pesquisa demonstrou que 65% dos enfermeiros participantes da amostra precisariam de instruções para utilização de meios de comunicação da tecnologia digital, enquanto 35% afirmaram estarem aptos a utilizar esse tipo de ferramenta.

Em uma experiência de EAD com graduandos de enfermagem observou-se que houve ampliação do processo de interação professor-aluno, e os recursos computacionais, através do convívio com as singularidades e diversidades pessoais e da troca de experiências⁽³⁾.

Grupo pode ser conceituado como um conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço articuladas por sua mútua representação interna, que propõem, de forma implícita ou explícita, a uma tarefa que constitui sua finalidade⁽¹⁷⁾. Interpretando este conceito podemos dizer que ele engloba o espaço virtual e é possível dizer que as constantes de tempo e espaço podem assumir configurações diferentes.

Desta maneira, encontros virtuais podem constituir-se como grupos em sua forma de funcionamento, podem partilhar um processo grupal estabelecido dentro de um padrão diferenciado de face-a-face e aqui-e-agora, ainda não claramente interpretado em todas as suas especificidades. Variáveis, por um lado limitantes pela ausência do contato físico e real e, por outro lado, geradoras de novas possibilidades de interação entre pessoas, que de outra forma possivelmente não teriam qualquer perspectiva de contato⁽¹⁸⁾.

Alguns grupos virtuais podem organizar-se para resolver problemas educacionais on line. Alguns podem apresentar melhores resultados que outros, mas o papel do líder, representado pelo professor/tutor exerce papel essencial para organizar o grupo, definir a agenda e construir coesão⁽¹⁹⁾.

O papel do facilitador on line é uma realidade que se propaga na mesma velocidade com que surgem novos grupos e formas de interação no ambiente virtual. Da mesma maneira que na realidade configura-se como uma necessidade para um melhor funcionamento e alcance dos objetivos dentro desse cenário.

Também foi questionado aos participantes se eles já tiveram alguma experiência com EAD: 53% disseram não ter nenhuma experiência com essa metodologia de educação e, 47% afirmaram que sim, especificando alguns dos cursos que freqüentaram: especialização em educação profissional, magistério superior, especialização do PROFAE, curso de Facilitadores de Educação em Saúde (EPS), entre outros.

Estes resultados são relevantes quando se trata da possibilidade da implantação de cursos de EAD, pois esses, prioritariamente utilizam ferramentas da comunicação da tecnologia digital. Para tanto, foi questionado qual o tempo que os participantes da pesquisa disponibilizariam para participar de um curso de EAD. Os resultados revelaram que 6% poderiam acima de cinco horas semanais, 35% teriam três a cinco horas por semana, 53% uma a duas horas e 6% não responderam a questão.

O tempo proposto para um estudante na modalidade de EAD é de três a quatro horas semanal de dedicação, sendo que o ideal é que fosse dedicado pelo menos uma hora por dia. Os cursos de EAD têm a vantagem de possibilitar que o estudante organize os seus próprios horários de estudo, sendo assim, mais flexível. No entanto, exigem do aluno autodisciplina e planejamento de suas ações cotidianas, incluindo as atividades da EAD.

Como a EAD está voltada principalmente, para uma população adulta que necessita de educação permanente, é importante atentar para uma análise conceitual que subsidie a relação professor-aluno. Em uma abordagem construtivista as ferramentas pedagógicas devem viabilizar a iniciativa por parte dos alunos. Ele precisa gerenciar a si próprio como aprendiz e, ao professor, cabe promover a comunicação no ambiente virtual, incentivando o intercâmbio de experiências e a circulação do conhecimento entre todos. Concebida desta maneira, a EAD caracteriza-se pela separação física entre eles numa relação de comunicação multi-direcional, com mediação pedagógica exercida por um facilitador e pelo uso de diferentes tecnologias, na busca da aprendizagem como processo de construção de conhecimento a partir da reflexão⁽⁴⁾.

Na perspectiva da abertura de cursos de EAD para enfermeiros da área perioperatória questionou-se aos participantes da amostra se gostariam de participar deste tipo de educação e quais temas relacionados à prática em CC, RA e CME que seriam de interesse.

Os resultados mostraram que 88% dos participantes gostariam de participar de cursos de EAD sobre temas da área de enfermagem perioperatória.

[...] seria mais do que tirar dúvidas com respostas encontradas em livros, mas discussão na realidade e na prática (E 3).

Que possa a vir contribuir bastante para que melhore a assistência de enfermagem neste setor (E 5).

Desenvolver a criatividade, pesquisa e produtividade do enfermeiro através da busca de conhecimentos e aplicá-los na prática (E 7).

[...] seria uma forma de me atualizar e de manter contato mais freqüente com os outros profissionais da área (trocar experiências) (E 13).

Dentre os temas de interesse citados surgiram: liderança de equipe, cirurgias videolaparoscópicas, ética profissional, instrumentais cirúrgicos, anestesia, transplantes, gerenciamento, protocolos de uso de material descartável passível de reprocessamento, controle de órteses e próteses e fisiologia geral.

Finalizando, é importante pensar na EAD como um campo a ser estudado e discutido, a fim de se descobrir melhores opções de desenvolvimento, e não, simplesmente adotar uma postura contrária por temor do desconhecido⁽⁷⁾.

Este estudo pretendeu contribuir para a reflexão sobre a utilização da EAD na área da saúde, como uma possibilidade de aprimoramento de conhecimentos e habilidades para o enfermeiro que atua nos serviços de saúde. Espera-se que através do desenvolvimento da habilidade do aprender a aprender, da relação estabelecida entre os enfermeiros, da troca de experiências ocorra transformações na prática do cuidado ao usuário nos serviços de saúde.

CONCLUSÃO

Com o presente estudo concluiu-se que 94% dos entrevistados eram do sexo feminino, com a idade

variando entre 25 à 48 anos. A maioria (59%) tinha título de especialista, e 6% o título de mestre. Os participantes da pesquisa têm sua maioria trabalhando há mais de 10 anos na assistência perioperatória (41%), sendo que 59% dos enfermeiros deste estudo, eram graduados há mais de 10 anos. Quanto à prática da realização de EC, observou-se que 88% dos participantes do estudo realizavam a EC, sendo que, 40% destes a faziam em um intervalo menor de seis meses, 6% duas vezes ao ano, 27% somente uma vez ao ano e 27% a faziam sem datas pré-estabelecidas.

Os resultados também mostraram que 12% dos participantes da pesquisa dedicavam acima de cinco horas por semana para estudos e leituras, 35% três a cinco horas semanais, 41% uma a duas horas, 23% menos de uma hora, 6% nenhuma hora e 18% não responderam.

Também se pôde observar que 88% dos enfermeiros participantes possuíam computador em casa e 100% tinham acesso à internet. No entanto, 65% referiram não utilizar a internet, mesmo tendo acesso a ela. Aos 35% que utilizavam a internet foi questionado o tempo de uso desta ferramenta, mostrando que, 35% faziam uso deste tipo de tecnologia quatro vezes por semana, 24% duas a quatro vezes e 41% uma vez por semana. Em relação à utilização de outras ferramentas de comunicação via internet como messenger, fóruns e chats, os resultados apontaram que 65% não utilizavam nenhuma dessas ferramentas e, 35% utilizavam estes meios de comunicação digital. E ainda que 65% dos enfermeiros participantes da amostra precisariam de instruções para utilização de meios de comunicação da tecnologia digital, enquanto 35% afirmaram estarem aptos a utilizar esse tipo de ferramenta.

Quanto à experiência com EAD: 53% dos enfermeiros participantes desta pesquisa disseram não ter nenhuma experiência com essa metodologia de educação e, 47% afirmaram que sim, especificando alguns dos cursos que freqüentaram: especialização em educação profissional, magistério superior, especialização do PROFAE, curso de Facilitadores de Educação Permanente em Saúde (EPS), entre outros.

Os resultados também revelaram que 6% dos enfermeiros poderiam disponibilizar acima de cinco horas semanais para o curso de EAD, 35% teriam três a cinco horas por semana, 53% uma a duas horas e 6% não responderam a questão.

A maioria dos participantes (88%) interessou-se com a possibilidade da abertura de cursos de EAD

para a atualização profissional. Dentre os temas de interesse citados surgiram: liderança de equipe, cirurgias videolaparoscópicas, ética profissional, instrumentais cirúrgicos, anestesia, transplantes, gerenciamento, protocolos de uso de material descartável passível de reprocessamento, controle de órteses e próteses e fisiologia geral.

REFERÊNCIAS

1. Nova C, Alves L. Educação à distância: limites e possibilidades. São Paulo: Futura; 2003.
2. Veiga RT, Moura AI, Gonçalves CA, Barbosa FV. O ensino à distância pela internet: Conceito e Proposta de Avaliação, p.3, 1998. Disponível em www.anpad.org.br/enanpad/1998/enanpad1998-ai-16.pdf. Acesso em 16 out 2007.
3. Filho PCPT, Cassiani SHB. Implementação e avaliação do módulo à distância “Administração de medicamentos”. *Cogitare Enferm.* 2007 Abr/Jun;12(2):222-8.
4. Lobo Neto FJS. Educação à distância no Brasil: discutindo alguns temas. Anotações para participação como debatedor sobre o tema no VII Seminário nacional de diretrizes para a Educação em Enfermagem – SENADEn, ABEn, Brasília, DF, 20/09/2003. Revisão em 2005.
5. Torrez MNFB. Educação à distância e a formação em saúde: nem tanto, nem tão pouco. *Trab Educ Saúde.* 2005 Abr;3(1):171-86
6. Pereira MG. Epidemiologia: teoria e prática. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 2005.
7. Xavier CA. Educação à distância e a saúde pública. *RADIS.* 2003 Jan/Fev;6:13.
8. Ministério da Educação e Cultura (BR). SEED. Decreto nº 2494. Brasília, MEC. Fev/1998 completar
9. American Nurses Association (ANA). Council on Continuing Education of Staff Development. Roles and responsibilities for continuing education and staff development across all settings. *ANA Publ.* 1992;(COE-16 10M):iii, 1-14.)
10. Santiago MMA, Lopes GT, Caldas NP. Educação em enfermagem através da REBEn: 1990-2001. *Rev Bras Enferm.* 2002 Mai/Jun;55(3):336-43.
11. Ministério da Saúde (BR). Gabinete do Ministro. Portaria nº 198/GM/MS de 13 de fevereiro de 2004. Institui a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde como estratégia do Sistema Único de Saúde para formação e do desenvolvimento de trabalhadores para o setor e dá outras providências. Brasília: Ministério da Saúde, 2004
12. Almeida MJ de. Educação permanente em saúde: um compromisso inadiável. *Olho Mágico.* 1999;5(esp):41-2.
13. Maftum MA, Campos JB. Capacitação pedagógica na modalidade de educação à distância: desafio para ativar processos de mudança na formação de profissionais de saúde. *Cogitare Enferm.* 2008. Jan/Mar;13(1):132-9.
14. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde. Sérgio Arouca. Programa de educação à distância. Coordenação Nacional do Curso de Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem. Leal MLMS, Farah Neto M, coordenadores. *Gestão Acadêmica: procedimentos:* Rio de Janeiro: MS/Fiocruz/ENSP/EAD,2005. Miniografado.
15. Nunes EFPA, Guariente MHDM, Torrez MNFB. A formação dos educadores do ensino em saúde/enfermagem no Paraná: os núcleos de apoio docentes do Paraná. In: Souza NA, organizador. *PROFAE: Trajetória no Paraná – Londrina: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Avaliação,* 2006. 234p. cap.9: 221-34.
16. Pichon-Rivière E. O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes; 1988.
17. Pieruccini, Â Dinâmica de grupos aplicadas em grupos virtuais: possibilidade ou ficção? *Rev SBDG.* 2005 Dez;2:42-9.
18. King K. Group dynamics for the online professor Disponível em: <http://ausweb.SCU.Edu.au/aw99/paper/king/paper.html>>. Acesso em 01/10/2008